Curso de Teologia da Unicap | PPGTEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA UNICAP | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

A RELIGIÃO E A PSICOLOGIA JUNGUIANA: A SUBJETIVIDADE E O INCONSCIENTE HUMANO

Lucy Patrícia da Silva de Farias[1]

Priscila Farias de Souza[2]

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo elucidar o pensamento de Carl Gustav Jung a respeito da religião. Destacamos que esse psiquiatra ressalta a importância da psique individual, partindo do fenômeno subjetivo procurando demonstrar que cada homem possui suas experiências, representações e emoções. Salientamos que realidade é múltipla, assim como as suas manifestações, há sempre várias formas de compreendê-la, pois dependendo do enfoque que se observa algo a percepção não será a mesma, inclusive na forma de conceber a fé. E dentro desse aspecto tendo como a metodologia utilizada a análise bibliográfica para demonstrar alguns aspectos relacionados com a religião e da subjetividade, ou melhor da psique, do inconscientemente individual e coletivo.

Palavras-chave: Religião. Subjetividade. Inconsciente.

INTRODUÇÃO

O homem se difere dos animais pela racionalidade, pois desde o convívio em sociedade estabeleceu uma rede de significados vivenciando uma cultura que é construída e compartilhada. Ademais, faz parte nesse processo de construção social os interditos, os quais regulam a forma de se relacionar com os outros e com o mundo.

Há um fascínio por desvelar os mistérios que circunda tal assunto, assim

[1] Doutoranda em Ciências da Religião - Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP, Mestra no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião – UNICAP- Psicopedagogia pela Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – Pós- Graduanda em Gestão e Organização da Escola com ênfase em Direção Escolar- UNIP- Graduação em Pedagogia pela UNICAP. Contato eletrônico: lucypatricia1969@hotmail.com

[2] Pós-graduada em Direito Civil e Direito Processual Civil e Pós-graduada em Direito Público, Graduada em Direito pela Estácio do Recife, Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. Contato eletrônico: pri-farias@hotmail.com

como na religião. De acordo com Hall e Nordby (2000), "a psique abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamentos, tanto os conscientes como os inconscientes. Funciona como um guia que regula e adapta o indivíduo ao ambiente social e físico" (p.25). A religião também faz parte desse ambiente social humano, que irá perpassar pela forma de se posicionar diante da realidade vivenciada.

Por conseguinte, a mente e a alma humana ocupam um lugar de destaque na Psicologia, detendo vários estudos. Salientamos que, abordaremos nesse trabalho alguns aspectos da Psicologia Junguiana alusivas à religião e ao indivíduo, descortinando as questões subjetivas que se relacionam com o inconsciente, o consciente, os sonhos. Todavia, antes de adentrarmos nessa questão, faz-se necessário destacar quem foi Jung, pois a sua própria experiência de vida tem um papel importante na construção dos conceitos e no desenvolvimento da psicologia analítica. Posteriormente, enfatizaremos a questão da religião, da subjetividade, consciente e inconsciente humano.

1 JUNG: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Carl Gustav Jung, fundador da Psicologia Analítica, foi filho de Paul Achilles e Emilie Preiswerk, nascido em 26 de julho de 1875 na aldeia de Kesswil, que pertencia ao cantão3, Turgovia, na Suíça, onde seu pai exercia a função de Pastor protestante. Posteriormente, foi transferido para Klein Huningen, nos arredores de Basileia, em 1879, nesta época Jung tinha quatro anos de idade.

Segundo Silveira (1992) menciona, desde cedo Jung tinha restrições com relação ao seu pai, conforme transcrito,

> [...] ele viu no pastor o homem estagnado numa condição medíocre, a quem faltaram forças para seguir sua linha própria de desenvolvimento; o homem que não enfrentava como dúvidas religiosas que o atormentavam, segundo parecia ao filho. O pastor temia como experiências religiosas imediatas,

[3] A palavra cantão é utilizada para designar uma unidade político-territorial, sendo utilizada tal nomenclatura em alguns países europeus, como a Suíça.

> agarrava-se a fé, amparava-se na Bíblia e nos dogmas. Jung nunca poderia aceitar tal atitude (SILVEIRA, 1992, p.8).

No trecho epigrafado verifica-se que, desde cedo, questões religiosas eram observadas. Destacamos que Jung tinha mais proximidade com a mãe, entretanto, percebia que a matriarca da família por um lado assumia o papel de esposa do pastor, que exigia do filho boas maneiras, por outro, "era misteriosa investida de estranha autoridade, dotada de algo que às vezes lhe infundia medo" (SILVEIRA, 1981, p.8). Durante sua infância, teve seu primeiro sonho entre três e quatro anos de idade[4].

Jung iniciou e concluiu todos os seus estudos em Basileia, inclusive, ingressou na Universidade dessa localidade no curso de medicina, concluindo em 1900, aos 25 anos. Entre os anos de 1900 a 1903, após a formatura, começou atuar como segundo assistente de Eugen Bleuler, no hospital psiquiátrico de Zurique, passando posteriormente a primeiro assistente. Além disso, passou um semestre estudando em Paris com Pierre Janet. Em 1903 escolheu para esposa Emma Rauschebach (1882-1955), tendo com ela quatro filhos.

Dois anos após seu casamento, tornou-se Chefe da Clínica de Burghölzil. No ano de 1906, aplicou-se na teoria dos complexos, estudando a psicogênese da demência. Em 1907 publicou Psicologia da Demência Precoce e neste mesmo ano, encontrou com Freud em Viena. Destacamos que, entre 1908 a 1916, desenvolveu diversas atividades, participando de congressos, conferências, assim como de eventos relacionados ao seu ofício de médico como a abertura de uma clínica particular em Küsnacht.

Dentre os eventos em que participou, Silveira (1981) menciona o seguinte,

[4] Resumidamente, nesse sonho desce por uma cova, chegando a um salão no qual encontra um trono real dourado que está apoiado a uma espécie de fálus com um olho na cabeça. E havia algo em pé sobre esse trono, como um tronco de árvore de uns três metros de altura e quase meio metro de diâmetro, feito de carne e couro, sem rosto nem cabelos, tendo um olho na cabeça. Estava imóvel, porém a qualquer momento poderia se mexer. Isso o apavorou foi quando ouviu a voz da sua mãe dizendo que àquilo era um antropófago. Muitos anos depois descobriu que o fálus ritual era a imagem da criatividade e a primeira descida ao mundo do inconsciente (GRINBERG, 1997).

> Destacam-se duas conferências pronunciadas em Londres, julho de 1914, sobre a compreensão psicológica e sobre a importância do inconsciente em psicopatologia; A estrutura do inconsciente, 1916, posteriormente ampliado num livro fundamental, As relações entre o ego e o inconsciente; A psicologia do inconsciente, 1917; Sobre o inconsciente, 1918 (SILVEIRA, 1981, p.14)

Enfatizamos que, no período mencionado, também realizou a sua primeira viagem para os Estados Unidos, na companhia de Freud e Ferenczi. Outro fato importante a ser mencionado é que Jung foi comandante no campo de internação dos soldados ingleses em Château-d'Oex (Vaud), sendo esse período decisivo na pintura das mandalas. Além disso, destacamos o interesse direcionado ao estudo da mitologia, folclore e religião, culminando com a publicação de Transformações e símbolos da libido, o qual foi dividido em duas partes, sendo uma publicada em 1911 e a segunda, em 1912.

Destacamos que outras viagens foram realizadas entre 1920 a 1926 para diversos lugares como, por exemplo, África do Norte e África Oriental Inglesa. A partir disso, conforme Silveira (1981), Jung observou a concentração e emoção do homem primitivo ao nascer do sol e à noite, sempre inquieto e medroso. Dessa observação deduziu que a escuridão correspondia a noite psíquica fundamental, ao estado de inconsciência, e pela luz, a consciência. Nesse período escreveu *Tipos Psicológicos* (1921), *Dialética do Ego e do inconsciente* (1928).

Posteriormente, entre 1929 e 1939, desenvolveu diversas atividades, dentre as quais podemos destacar: redator-chefe da *Zentralblatt für Psycherapie und ihre Grenzgebiete* (1934-1939), professor na Escola Politécnica Universitária (E.T.H.) de Zurique (1935). Além dessas atividades, frisamos outras obras como o ensaio *Arquétipos do Inconsciente Coletivo* (Eranos- 1934), *Psicologia e Religião* (1941), *Psicologia e Alquimia* (1944), *As formações do Inconsciente* (1950), *Raízes da Consciência* (1954), *Presente e futuro (*1957) e *Ensaio de exploração do inconsciente para o homem e seus símbolos* (1961).

Em 6 de junho de 1961 falece em sua casa de Küsnacht, seis anos após a perda da sua esposa em 1955. Avultamos que Jung estava sempre perscrutando respostas aos próprios questionamentos diante da realidade e de como ela se apresentava.

> Em muitas coisas, Jung estava à frente do seu tempo, intuindo e pesquisando. Algumas coisas talvez só possam mesmo ser entendidas, reconhecidas e aceitas agora, com o atual estado de consciência. Sua obra é um gigantesco filão de conhecimentos psicológicos, pensamentos filosóficos, saber antropológico e sabedoria de vida. Nela, abrangentes estudos empíricos, psicológicos, antropológicos, etnológicos e de ciência das religiões estão associados com o material tratando de casos clínicos. Desse modo, ele reuniu as bases da Psicologia Analítica e sua terapia (DORST, 2015, apud FERREIRA, 2018, p.11).

2 A RELIGIÃO E A EXPERIÊNCIA VIVIDA: SUBJETIVIDADE

A religião sempre esteve presente na vida de Jung, o qual observava o sofrimento tanto dos homens quanto dos animais e, diante disso, acreditava que Deus tinha feito o mundo repleto de contradições. Por isso imaginava Deus como uma força avassaladora que trazia bem-aventurança, tal qual, o desespero e terror (SILVEIRA, 1981).

Sua perspectiva de religião não estava relacionada às instituições religiosas. Ressaltamos que a forma de conceber a religião de Jung e do seu pai eram divergentes. Conforme Silveira (1981), o ponto central com relação ao protestantismo gira em torno de cristo, enquanto para Jung, o olhar voltava-se para o que via em torno de si, fazendo comparações com o que as pessoas falavam. Nesse sentido, relaciona-se com a experiência vivida[5].

[5] Jung menciona a importância das experiências vivida no desenvolvimento do seu trabalho científico na seguinte passagem: "[...] só me parecem dignos de ser narrados acontecimentos da minha vida através dos quais o mundo eterno irrompeu no mundo efêmero. Por isso falo principalmente das experiências interiores. Entre elas figuram meus sonhos e fantasias, que constituíram a matéria original de meu trabalho científico. Foram como que uma lava ardente líquida a partir da qual se cristalizou a rocha que eu deveria trilhar" (JUNG, 1961, p. 20).

Assim, "A existência psicológica é subjetiva[6], porquanto uma ideia só pode ocorrer num indivíduo." (JUNG, 1978, p.10). Toda experência é única, sendo assim, a fé também perpassa pela subjetividade. A religião é considerada um empreendimento humano, manifestando-se como um fenômeno empírico (BERGER, 1985). Corroborando com essa relação individual no desenvolvimento de suas ideias, Aniela Jaffé no prefácio da obra "*Memórias, sonhos, reflexões*" desse psicólogo menciona o seguinte,

> De fato, as Memórias de Jung estão estreitamente ligadas suas ideias científicas. E não há, sem dúvida, introdução, mais apropriada ao universo espiritual de um pesquisador do que o relato do itinerário que o conduziu às suas ideias, e a narração dos fatos subjetivos que o levaram a suas descobertas. Assim, pois, a "autobiografia" constitui em sentido lato uma introdução à obra de Jung pelo prisma do sentimento (JAFFÈ, 1961, p.17).

Pode-se observar que o texto epigrafado destaca as experiências, menciona fatos, um itinerário. Verifica-se há uma conexão do homem e a realidade que está mergulhado. Isso tem um papel importante na vida de cada pessoa, sendo de grande importância na construção da mente, ou melhor, da psique. Destacamos que Jung (1990) deixa claro que a alma humana que não é fácil compreender, haja vista pertencer as regiões mais obscuras e misteriosas da nossa experiência. Nesse sentido Jung afirma,

> A psique só não está onde uma inteligência míope a procura. Ela existe, embora não sob uma forma física, É um preconceito quase ridículo a suposição de que a existência só pode ser de natureza corpórea. Na realidade, a única forma de existência de que temos conhecimento imediato é a psíquica. Poderíamos igualmente dizer que a existência física é pura dedução uma vez que só temos alguma noção da matéria através de imagens psíquicas, transmitidas pelos sentidos (JUNG, 1978, p.17).

Desta feita, pode-se inferir que o homem apenas consegue explicar a matéria através dos sentidos. Nesse complexo, a religião faz parte da

[6] Segundo Leontiev (2004), subjetividade refere-se ao processo pelo qual algo se torna constitutivo e pertencente no indivíduo; ocorrendo de tal forma que esse pertencimento se torna único, singular (LEONTIEV, 2004 apud SILVA, 2009, p.171).

vivência e a construção de cada um. "Somente as religiões ultrapassam os sistemas racionalistas, referindo-se tanto ao homem exterior quanto ao homem interior" (JUNG, 1990, p.20). Assim sendo, Jung exterioriza o que pensa sobre religião, e faz a seguinte argumentação,

> Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: "religio", poderíamos qualificar a modo de uma consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos concebidos como "potências": espíritos, demônios, deuses, leis, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrado* suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados (JUNG, 1978, p.10).

Verifica-se, consoante acima transcrito, que existem fatores potenciais dentro do mundo da experiência. A realização do homem ocorre através do conhecimento e aceitação do seu inconsciente, sendo adquirida por intermédio dos sonhos e símbolos (JUNG, 1969). Os símbolos são imagens que podem ser familiares na vida cotidiana, existindo uma representação.

Segundo Grinderg (1997), os sonhos e as fantasias são expressões do inconsciente, a qual procura soluções quando sonhamos. A natureza psíquica é mencionada por Jung da seguinte forma,

> Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de conteúdos capazes de serem conscientizados. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovarmos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos (JUNG, 2000 p.16).

Salientamos que os conteúdos psíquicos supramencionados são da totalidade emocional, por isso Jung os nomeou de complexos efetivos porque são ideias dotadas de carga emocional. Isso está relacionado aos indivíduos, mas o inconsciente coletivo não é adquirido individualmente e não faz parte da consciência, estando presente em todo tempo e em todo

lugar, ou seja, fazem parte das culturas que influenciam o ser no seu modo de agir e pensar. Desse modo, seriam os alicerces da vida psíquica comuns a todos os humanos.

Outro ponto a ser destacado é a energia psíquica "energia psíquica e libido são sinônimos. Libido e apetite, e instinto permanente de vida que se manifesta pela fome, sede, sexualidade, agressividade, necessidades e interesses os mais diversos" (SILVEIRA, p.36, 1981). Portanto, há uma relação com necessidades que estão presentes no ser humano e que em um dado momento se manifestam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Jung e a forma de definir os sonhos, o consciente e o inconsciente, assim como os símbolos não estão dissociados da experiência humana. Entretanto, a mente é complexa não sendo fácil decifrar os mistérios. A própria representação da realidade tem relação com a subjetividade humana.

Verifica-se que buscou compreender a forma singular de conceber a psique, pois o ser é contraditório. Nesse ínterim, Jung ao longo da vida analisou, perscrutou respostas, tentando compreender e aprimorar seu trabalho científico. Destacamos que a religião como experiência humana também esteve no centro das atenções dos estudos. E nessa experiência humana existem relação com o consciente e o inconsciente. Salientamos que o homem utiliza símbolos diversas vezes como forma de explicar as coisas que estão fora do alcance da compreensão, exprimindo-se esta linguagem por imagens.

Constata-se que toda a sua construção de vida está relacionada à busca de explicações de como se processa o consciente, o inconsciente e a subjetividade. Em todas as suas pesquisas evidenciou aspectos que influenciam a construção do ser, como os arquétipos, que têm relação com a própria relação com a memória, a cultura a forma de agir de cada ser.

REFERÊNCIAS

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos* (1875-1961-). 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (1875-1961). Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião* (1875-1961). Petrópolis: Vozes, 1978. (Obras completas de C. G. Jung; v. 11/1: Psicologia e religião).

GRINBERG, Paulo. *Jung, o homem criativo*. São Paulo: FTD, 1997.

HALL, Calvin S.; NORDBY, Vernon J. *Introdução à Psicologia Junguiana*. São Paulo: Cultrix, 2000.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia da Educação,* n. 28, 2009, p. 169-195.